

A COMUNIDADE SINSEI E A (U)TOPIA DA PRODUÇÃO COMUNITÁRIA CAMPONESA¹

Valéria de Marcos²

RESUMO:

Formada por imigrantes japoneses no interior do estado de São Paulo e fruto da cisão da Comunidade Yuba, a Comunidade Sinsei vem mostrando, ao longo de seus 41 anos de existência, que a **(u)topia** da produção comunitária camponesa, mais do que **viável**, é **possível**. O presente artigo trata, de forma sintética, de sua origem, de sua forma de organização baseada no tripé assembleia, caixa comum e religião das atividades econômicas que realiza, da forma como vem construindo sua geografia e das perspectivas para o futuro da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE:

produção comunitária comunidade (u)topia camponês, identidade

ABSTRACT:

Being made up of Japanese immigrants in the countryside of the state of São Paulo, and originated from the split of the Yuba community, the Sinsei community has been demonstrating, for its 41 years of existence, that the *(u)topia* of the peasant's community production is possible rather than feasible. This article deals briefly with its origin, its organization based on the triple group assembly, common fund, and religion its economic activities, the construction of its geography, and the perspectives for the future of the community.

KEY-WORDS:

comunitarian production community (u)topia peasant identity.

*"... E quero falar com o dono. Mas aqui não há dono
O chefe ... Também não há chefe"* Afonso Schmidt

A Comunidade Sinsei, formada por imigrantes japoneses e localizada no município de Guaraçai-SP, é fruto da desintegração de uma outra comunidade - a Comunidade Yuba, liderada por Issamu Yuba - face a uma série de sucessivas crises ocasionadas pelas manobras financeiras mal sucedidas do líder e que culminaram na intervenção do Banco América do Sul e na decretação de sua falência, em 1956.

Diante da necessidade de desocupação das terras da antiga comunidade, seus integrantes foram levados para a Fazenda 320, de propriedade do então Prefeito do Município de Guaraçai-SP, José Marques, com a condição de que Issamu Yuba não fosse mais o líder da comunidade.

Issamu Yuba, que estava em São Paulo a procura de um novo credor na ocasião da decretação da falência, ao retornar para a comunidade e tomar ciência da situação, tenta reverter o quadro e, convocando uma reunião, propõe a saída da fazenda para que não viessem a se tornar, em suas palavras, "*escravos de baiano*". Porém, apenas metade dos inte-

grantes da antiga comunidade cedem a seu apelo e retiram-se da fazenda, levando consigo pertences que, a rigor, eram de propriedade da fazenda³. Os demais permaneceram na fazenda e decidiram começar uma vida nova. A nova comunidade nasceu, pois, da necessidade de uma outra forma de gestão, capaz de assegurar a seus integrantes uma estabilidade/auto-suficiência que até então não haviam conseguido alcançar.

O primeiro passo foi a realização de uma reunião presidida pelo então reverendo, na qual decidiram continuar trabalhando comunitariamente, porém

1 Trata-se do resumo da segunda parte de nossa Dissertação de Mestrado, intitulada *Comunidade Sinsei (u)topia e territorialidade*, defendida e aprovada no Depto. de Geografia, FFLCH USP, em 15.10.96, sob orientação do Prof. Dr. Ariovaldo Umbelino de Oliveira.

2 Profa. Assistente do Depto. de Geociências - CCEN UFPB.

3 Para maiores detalhes, ver: MARCOS, Valéria de. *Comunidade Sinsei (u)topia e territorialidade*. São Paulo, Depto. de Geografia FFLCH USP. Dissertação (Mestrado), 1996, 400 p.il.

buscando auto-conduzirem-se de uma forma mais democrática, com comprometimento e participação de todos nas decisões adotadas, sempre sobre uma base de *liberdade e respeito mútuo*. Outras decisões importantes foram adotadas, tais como a opção pela realização de *assembléias* ordinárias mensais com direito a participação/manifestação de todos os integrantes indistintamente; a manutenção do sistema de *caixa comum*, alterando-se, porém, a forma de acesso ao mesmo, e a própria escolha do nome da nova comunidade: *Sinsei*, que significa *vida nova*.

A comunidade permaneceu na Fazenda 320 durante cinco anos, trabalhando como parceiros-meeiros no trato do cafezal. Em virtude das dificuldades enfrentadas pela fazenda (fruto da falência da Comunidade Yuba), a Comunidade Sinsei retirava apenas parte do dinheiro a que tinha direito semanalmente, ficando o restante em haver, e toda melhoria no padrão de satisfação das necessidades de seus integrantes se deu a partir do aumento da auto-exploração de sua força de trabalho, forma pela qual conseguiram realizar uma pequena poupança de onde obtiveram parte dos recursos necessários para a aquisição de uma pequena gleba de 10 alqueires também em Guaraçaí-SP (próximo à fazenda), onde hoje encontra-se a sede da comunidade. Decorridos os cinco anos, a comunidade transferiu-se para esta área, passando a trabalhar em proveito próprio sem, contudo, conseguir realizar o acerto final de contas com a fazenda, que alegou não possuir nenhum registro.

Na ocasião da transferência para a sede definitiva, a comunidade pôde contar com o apoio do Prof. Fujisaki⁴, que orientou-lhe sobre como organizar uma propriedade e formular um plano - o *shikumi* - para a mesma. De acordo com ele, a comunidade - bem como toda e qualquer propriedade - deveria possuir uma cultura principal, que deveria, ao mesmo tempo, contar com um mercado seguro e adaptar-se bem ao local. Outras atividades poderiam ser escolhidas livremente, desde que se levasse em consideração a utilização racional da força de trabalho dos camponeses ao longo do ano. Quanto mais as atividades se complementassem, melhor seria para os trabalhadores, tanto em termos de aproveitamento da própria atividade, quanto em termos de aproveitamento de sua força de trabalho, bem como na redução da dependência em relação ao mercado. Sob

esta perspectiva o Prof. Fujisaki alertava para a necessidade de se pensar em termos *qualitativos* e não apenas em termos *quantitativos* e, mais do que isto, ressaltava que a busca da qualidade pressupõe um importante fator a ser considerado: o tempo. Ao levar isto em consideração, estariam praticando uma agricultura que “cresce, engorda e frutifica” uma agricultura que *futuru*.

Seguindo tais orientações a comunidade não tardou a alcançar seu objetivo principal: a estabilidade e a segurança financeira. Em pouco tempo havia mais benfeitorias, como o barracão da sericultura (onde está localizado o palco para as apresentações das *Festas de Natal* e onde são realizadas as cerimônias religiosas de casamento), o curral, um anexo para a oficina, o chiqueiro, a casa dos visitantes, novas instalações para a avicultura poedeira, barracões para uso da avicultura e da suinocultura (para o preparo da ração) etc; além da formação de pomares e dos canteiros da horticultura. Em 1969, adquiriram uma outra área com cerca de 30 alqueires, distante 2 km da sede, onde funciona a hataque⁵.

Por fim, para regularizar sua situação e poder contribuir com a Previdência Social, a comunidade foi registrada juridicamente como uma sociedade civil, revestindo a forma de uma sociedade mercantil por quotas de responsabilidade, através de contrato firmado em 01 de fevereiro de 1969, passando a receber o nome *Sinsei - Sociedade Agrícola Guaraçaí - Sociedade Civil - Shimizu & Cia. Ltda.*

Para garantir um bom funcionamento, a comunidade estruturou-se sobre o tripé *assembléia, caixa comum e religião*. A *assembléia* é o *locus das decisões*, local onde são traçados os caminhos a seguir e a melhor forma de percorrê-los. Os assuntos discutidos são os mais diversos: da construção de um poço artesiano à ampliação da avicultura poedeira; da doação de dinheiro como colaboração para a construção do hospital municipal à aceitação de contribuição em dinheiro para que algumas crianças fiquem hospedadas na comunidade, a fim de cursar o ginásio em Guaraçaí-SP; da ampliação/ inovação à redução/interrupção de alguma atividade⁶, sobretudo se gerar um aumento dos gastos/redução

5 A unidade territorial composta pela roça propriamente dita. O termo, que significa “roça”, é empregado tanto para referir-se à área toda - de forma a diferenciá-la da sede - como para identificar cada uma das culturas ali presentes (a horticultura, a fruticultura e a cultura de cereais).

6 Para a condução cotidiana das atividades às quais dedicam-se, seus responsáveis têm total liberdade de decisão.

nos rendimentos que possam vir a comprometer o caixa da comunidade; ou seja, tudo é discutido/decidido em assembléia⁷ Porém, ao longo dos anos, a participação veio sofrendo queda significativa. Entre os motivos apontados para a evasão - da assembléia em um primeiro momento e da comunidade em um momento seguinte - os mais comuns foram o uso da palavra/aceitação da opinião sempre das mesmas pessoas e a barreira feita pelos mais velhos aos projetos de ampliação das atividades apresentados pelos mais jovens.

A comunidade, por sua vez, não assistiu a essa alteração sem reagir: inicialmente houve a substituição da "Diretoria"⁸, que passou a ser composta por membros menores de 50 anos e, como esta medida não surtiu o efeito desejado, houve a proposta de que os jovens realizassem suas próprias assembléias onde pudessem discutir os problemas e amadurecer soluções para em seguida apresentá-las nas assembléias da comunidade. Apesar de inovadora, esta proposta também não surtiu o efeito esperado, chegando-se ao ponto do presidente convocar a reunião e não comparecer ninguém. Diante deste fato optou-se por só convocar a reunião quando houvesse realmente algo a ser discutido. É comum, inclusive, passarem meses sem que uma reunião seja marcada.

O *caixa comum*, adotado desde a primeira reunião, assumiu para a comunidade uma outra dimensão. Na ausência de um líder a quem recorrer para solicitar autorização toda vez que houvesse necessidade de realização de um gasto, foi necessário estabelecer uma outra forma de efetivar esta retirada. Para garantir os gêneros de primeira necessidade - de uso comum ou individual - a comunidade organizou um almoxarifado onde se encontram os gêneros mais variados. A retirada é livre mas deve ser comunicada ao tesoureiro para que ele controle o estoque e não deixe faltar o produto.

Para os produtos de uso particular e/ou para outros gastos, o procedimento é outro. A comunidade possui uma conta-crédito em vários estabelecimentos comerciais na cidade. No caso de algum integrante precisar de algo que for encontrado em uma destas lojas, basta adquiri-lo e solicitar ao funcionário que emita a nota fiscal e anote o valor na conta.

Toda segunda-feira o tesoureiro passa saldando os compromissos. Caso seja algo não encontrado nas lojas ou outro tipo de gasto, o integrante deve solicitar a quantia desejada, realizar o gasto e, havendo sobra, devolvê-la ao tesoureiro, para que ela possa ser utilizada pela comunidade. Não há limite de retirada. A única preocupação do tesoureiro é não deixar o caixa estourar.

Por fim, a *religião*, uma importante haste do tripé se não a mais importante responsável pela formação do espírito comunitário/solidário entre os integrantes da Comunidade Sinsei, e de certa forma responsável por sua existência até os dias atuais. A necessidade de saber perdoar os erros do próximo, compreender e respeitar suas diferenças, bem como a perseverança e a paciência foram virtudes que o antigo reverendo, apontado por muitos como seu *líder espiritual*, salientou e buscou incentivar entre os integrantes da comunidade. Para tal, além de um acompanhamento espiritual, realizava cultos semanais. Após seu afastamento das atividades, houve uma diminuição na frequência de realização dos mesmos, de forma que atualmente os cultos são quinzenais e realizados com a ajuda de dois reverendos de fora da comunidade, com comunhão em apenas um deles. Além dos cultos, são realizados também estudos bíblicos, escola dominical, ensaio de cânticos religiosos etc, e, nas férias, os jovens costumavam participar das Escolas Bíblicas de Férias realizadas pela Igreja.

Porém, se por um lado tais ensinamentos contribuíram para a solidificação da comunidade, por outro inibiram a prática do diálogo franco entre as pessoas, sobretudo entre aquelas de gerações diferentes. Diante da necessidade de "saber perdoar" muitas pendências, que uma boa conversa resolveria, ficaram sem solução. A própria transmissão oral da história da comunidade também deixou de ser realizada. Como a idéia defendida era a de que o aprendizado decorreria da experiência vivida por cada um, a própria história da comunidade se viu perdida pela ausência do diálogo que, a nosso juízo, tal prática desencadeou. De qualquer forma, apesar das dificuldades que enfrentou/vem enfrentando nos últimos tempos (sobretudo a partir do final da década de 80), a comunidade tem mostrado, nestes seus 41 anos de existência, a pertinência/viabilidade/possibilidade real de uma prática de vida comunitária.

De forma a garantir seu funcionamento, a comunidade dedica-se a uma série de atividades econômicas que podem ser divididas em três grandes blocos: as atividades *de produção*, as atividades *de*

7 A busca é sempre a da decisão por unanimidade, mas, no caso da impossibilidade de espera, aceita-se a decisão por maioria.

8 Formada pelo Presidente, Secretário, Tesoureiro e seus respectivos substitutos. A "Diretoria" é eleita toda primeira reunião do ano, mas as pessoas que ocupam estes cargos não têm nenhum poder sobre os demais.

serviço e as atividades *de comercialização*. As atividades *de produção* são responsáveis pelo fornecimento de boa parte dos gêneros agrícolas que a comunidade consome e, ainda, mediante a produção de alguns gêneros destinados ao mercado, são responsáveis pelos recursos para a aquisição dos gêneros que necessita mas que não produz, o que caracteriza um processo de produção simples de mercadoria (M->D->M). As atividades *de comercialização* garantem a obtenção destes recursos da melhor forma possível, seja através da venda direta ao consumidor, seja vendendo a terceiros, ou ainda, em alguns casos, entregando parte da produção a um intermediário. As atividades *de serviço*, por sua vez, são responsáveis pelo bom andamento da comunidade e de seus integrantes e ainda, em algumas épocas do ano, garantem alguns recursos extras-atraves das atividades *de comercialização* - ao caixa da comunidade.

Para o desenvolvimento destas atividades, os camponeses organizam-se ora *individualmente* ora *comunitariamente*, sendo esta última a forma mais comum. Para a escolha das equipes de trabalho que sempre possuem um responsável pelas decisões de ordem administrativa e por sua orientação/supervisão - eles gozam de total liberdade e, uma vez tendo escolhido uma das equipes/atividades e não se adaptando à(s) mesma(s), é possível deixá-la(s) e escolher outra equipe/atividade.

As atividades *de produção* realizadas *comunitariamente* pela comunidade são a avicultura poedeira, a roça da hataque (formada pela horticultura, pela fruticultura e pela produção de cereais); a pecuária leiteira e a suinocultura. Já as realizadas *individualmente* são o trato do cafezal, a plantação de gengibre, almeirão e cabotchá, a horta de salsinha e cebolinha verde, e a sericicultura⁹.

Levando em conta o destino de sua produção, tais atividades diferenciam-se ainda em dois grupos. De um lado, um grupo formado pelas atividades às quais a comunidade dedica-se com o objetivo de comercializar a produção e consumir apenas o excedente (já deliberadamente produzido) e que engloba a roça (em 90% de sua produção, tanto na hataque como na sede) e a avicultura poedeira. De outro, um grupo formado pelas atividades às quais a comunidade dedica-se com o objetivo de consumir a produção

e comercializar o excedente (quando ele existir), e que engloba a pecuária leiteira, a suinocultura e uma pequena parte da roça.

Entre as atividades *de serviço* realizadas *comunitariamente*, somente o setor de serviços gerais (oficina mecânica/carpintaria e outras) possui um responsável. Nas demais atividades, quais sejam, a cozinha e atividades afins (atividades de apoio à cozinha e de preparo para a semana de trabalho) e as atividades gerais (atividades de apoio à comercialização, de limpeza e gerais) as integrantes gozam de total autonomia de ação. Apenas no caso da cozinha é que a equipe - formada atualmente por seis senhoras - divide o serviço por duplas, cabendo a cada uma delas cozinhar para toda a comunidade durante uma semana. Já as atividades *de serviço* realizadas *individualmente* são os serviços domésticos tais como a limpeza das casas, a lavagem das roupas de uso diário da família, costuras, o trato dos jardins etc.

Por fim, para a realização das atividades *de comercialização*, seus responsáveis organizam-se ora *comunitariamente* - para o caso da feira, sendo que, uma vez por semana, recebem o auxílio de outros trabalhadores da comunidade - ora *individualmente*, para os casos da remessa de produtos à quitanda/mercearia em Ilha Solteira-SP, da distribuição de ovos etc.

Durante a década de 70, a comunidade pôde também expandir seu raio de ação para além de seus limites geográficos, através da participação de um de seus integrantes em um programa de desenvolvimento agrícola e fixação do homem no campo. Este programa foi realizado pelo ex-Prefeito Manoel Rodrigues Marques, em convênio com a Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo e o IPPH Instituto Paulista de Promoção Humana.

Além das atividades econômicas, a comunidade dedica-se também a atividades *de cultura e lazer*, de forma a proporcionar a seus integrantes totais condições de crescimento e desenvolvimento, não apenas espiritual, mas também intelectual e físico. Na parte cultural, destina grande atenção à educação, incentivando e fornecendo condições a seus integrantes mais jovens de frequentarem a escola até o 2o. grau, fornecendo aulas de japonês e/ou assinando uma série de jornais e revistas em língua japonesa (produzidos no Brasil e no Japão) e portuguesa. Na parte relativa ao lazer, dedica-se à realização de festividades - religiosas, de casamento, de comemoração dos aniversários da comunidade ou de al-

9 Esta atividade não tem sido mais realizada pela comunidade, mas, durante o tempo de sua realização, o trabalhador era auxiliado, nos momentos de pico, por outros trabalhadores da comunidade.

guns de seus membros, principalmente os mais idosos - e à recreação, com espaço para a realização de jogos de futebol e voleibol e com uma série de jogos em sua biblioteca. Promove também passeios a açudes/cachoeiras em propriedades vizinhas (feitos pelos jovens), PIC NICs e passeios a várias localidades, estes últimos feitos apenas pelas senhoras da comunidade que participam da Fujin Kai - Associação das Senhoras da Colônia Japonesa de Guaraçai-SP etc.

Ao longo de seus 41 anos de existência, a Comunidade Sinsei foi construindo/organizando sua geografia, numa articulação contraditória entre seus *espaços individuais e comunitários* - estes últimos subdivididos ainda em *espaços de produção, de serviço, de comercialização, religioso e de cultura e lazer* que acabou configurando os *territórios da sede e da hataque*.

Antes de tratarmos especificamente destes *espaços e territórios*, convém esclarecermos as bases teóricas que nos levam a estabelecer essa diferenciação, de modo a tornar nossa análise mais precisa. Para nós, "o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço. (...) O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho (...).

Para um marxista, o espaço não tem valor de troca, mas somente valor de uso, uma utilidade. O espaço é portanto anterior, preexistente a qualquer ação. O espaço é, de certa forma, 'dado' como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. 'Local' de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática, dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. Evidentemente, o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço"¹⁰

Sob esta perspectiva, os *espaços* existentes na Comunidade Sinsei, sejam eles *individuais* ou *comunitários*, ou ainda *de produção, de serviço, de comercialização, religioso ou de cultura e lazer* são entendidos como os "locais das possibilidades" de ação de seus integrantes, que, de acordo com seus interesses/necessidades, produzem/(re)produzem estes diferentes espaços que, por sua vez, ao se articu-

larem contraditoriamente, dão origem aos *territórios da sede e da hataque*.

"Dessa forma, são as relações sociais de produção e o processo contínuo/contraditório de desenvolvimento das forças produtivas que dão a configuração histórica específica ao território. Logo o território não é um *prius* ou um *a priori* (...)"

O processo de construção do território é pois, simultaneamente, construção/destruição/manutenção/transformação. É em síntese a unidade dialética, portanto contraditória, da espacialidade que a sociedade tem e desenvolve. Logo, a construção do território é contraditoriamente o desenvolvimento desigual, simultâneo e combinado, o que quer dizer: valorização, produção e reprodução"¹¹

Os *espaços individuais* existentes na comunidade compreendem tanto os *espaços de moradia* - formados pelas residências de seus membros (compostas por quartos e salas de visitas) e seus respectivos jardins, espaços que são, ao mesmo tempo, *individuais e familiares* - quanto os dois *espaços de serviços*, a saber, o gabinete dentário, onde um integrante presta serviços nos finais de semana, e a lavanderia. Esta, por sua vez, pode tanto ser utilizada individualmente quando as mulheres lavam as suas roupas e a de sua família - quanto comunitariamente - quando a equipe da cozinha e das atividades afins lavam a roupa de uso dos trabalhadores da hataque.

Os poucos *espaços individuais* existentes na comunidade encontram-se concentrados no *território da sede*. Estes espaços (via de regra, os *espaços de moradia*) são utilizados para descanso após o dia de trabalho, para receberem alguma visita principalmente quando trata-se de alguém mais próximo da família (parentes, ex-integrantes, amigos, etc) -, ou ainda para a realização dos serviços de costura das roupas e capas dos futons¹² dos solteiros e dos aventais e panos de pratos de uso da cozinha/lavanderia e/ou consertos (remendos) nas roupas de uso diário para trabalho de sua família. É comum realizarem este tipo de serviço, ou outros (como passar a ferro as roupas "de sair" etc) à noite, quando aproveitam também para assistir TV (nos casos em que possuem), ouvir música ou simplesmente desfrutar

10 RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo, Ática, 1993, p.143/144.

11 OLIVEIRA, A. U. de. "Ensino de Geografia: horizontes no final do século" In: *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, AGB, n. 72, p.23, 1994.

12 Espécie de endredon feito pelas senhoras da comunidade.

da companhia dos familiares. Em alguns casos, a recreação após o dia de trabalho - ou aquela realizada pelos netos/netas dos integrantes que visitam a comunidade - também é realizada nestes *espaços individuais* e, em geral, consiste na leitura de jornais, revistas ou livros, na realização de algum tipo de trabalho manual (tricot, crochet, bordado etc), em assistir à TV, em colocar a conversa em dia ou ainda em alguma brincadeira de criança.

Os *espaços comunitários*, por sua vez, ocupam a maior parte dos *territórios da sede e da hataque*. Enquanto o *território da hataque* caracteriza-se por ser um *espaço de produção* por excelência, o *território da sede* caracteriza-se por comportar todos os *espaços comunitários* existentes (*de produção, de serviços, de comercialização, religioso e de cultura e lazer*) e a residência dos solteiros (*espaço de moradia*), composta também por quartos e salas, para receberem visitas. Estes diferentes tipos de *espaços*, articulando-se contraditoriamente, conferem a este *território* uma configuração singular.

Entre todos os *espaços* existentes no *território da sede*, o refeitório merece destaque por possuir várias funções, sendo, pois, um importante *espaço de socialização*. Entre suas mais diferentes funções, porém, uma se destaca, imprimindo-lhe um papel ainda mais significativo. É ele o local onde são realizadas as assembléias e, portanto, onde são decididos os caminhos que a comunidade irá seguir. É ele, pois, o *espaço da decisão*.

Outro fato que merece ser destacado é com relação ao *espaço de moradia*, que ora transforma-se em *espaço individual*, ora transforma-se em um *espaço familiar* ora em um *espaço comunitário*. Os *espaços de moradia* são *espaços individuais* quando garantem a seus integrantes a individualidade/privacidade que nem sempre conseguem assegurar no dia-a-dia de vida/produção comunitária. São *espaços familiares* quando garantem a seus integrantes o convívio com seus familiares, uma vez que, na realização das atividades diárias, nem sempre pais e filhos trabalham juntos. Neste aspecto, o próprio refeitório, que tantas funções desempenha na comunidade, em alguns momentos assume mais esta última função, durante as refeições quando pais e filhos sentam-se próximos ou após as refeições, quando pais e filhos reúnem-se para assistir TV. Por fim, são *espaços comunitários*, quando partilhados por mais de um enquanto local de descanso/repouso. Como podemos notar, tanto o refeitório quanto o *espaço de moradia* são os "locais de possibilidades" de seus

integrantes, que, de acordo com seus interesses/necessidades, produzem/(re)produzem estes espaços de diferentes modos.

Por fim, resta-nos analisar o quadro atual e as perspectivas para o futuro da Comunidade Sinsei. Como procuramos salientar até o presente momento, a comunidade, que teve seu auge nas décadas de 60 e 70, começou a ver esta situação alterar-se a partir das décadas de 80 e 90.

Com a redução concomitante do número de jovens (pelos mais variados motivos) e da capacidade física para o trabalho dos mais velhos, a intensificação da jornada de trabalho a partir de então e consequentemente da auto-exploração da força de trabalho - não pôde mais ser feita da mesma forma, o que fez com que a comunidade buscasse solucionar o problema de três formas: reduzindo o número de integrantes que se dedicavam à atividade, com consequente intensificação da auto-exploração da força de trabalho daqueles que permanecem realizando-a; reduzindo a área cultivada/tamanho do rebanho; ou, ainda, interrompendo (temporária ou definitivamente) sua prática. Também as atividades de cultura e lazer (sobretudo a recreação), e a própria atividade cultural/educacional, sofreram alterações significativas.

Os motivos das saídas, embora diversos, podem ser resumidos à não compreensão/identificação da/com a *(u)topia* que rege a comunidade, traduzida no choque entre os interesses individuais e os coletivos. Também a divergência entre as expectativas dos jovens - mais "ofensiva" buscando ampliar as atividades da comunidade - e a dos mais velhos - que, ao contrário, possuíam uma postura mais "defensiva" de busca da estabilidade - pode ser apontada como um desses motivos, que, de certa forma, inclui-se nos primeiros.

Porém, mesmo negando a comunidade que abandonam, seus integrantes não conseguem dela se desvencilhar e, sendo assim, ela segue, mesmo que inconscientemente, como um importante ponto de referência para os mesmos. Tal fato pode ser observado de duas formas. Em uma delas, quando, diante das mais variadas situações do dia-a-dia, seus ex-integrantes, consciente ou inconscientemente, acabam comparando a situação vivenciada com algo que viveram ou que presenciaram alguém viver na comunidade, e a atitude que adotam - seja de repetição ou de negação - acaba tendo na comunidade sua grande referência. Nestes casos a comunidade serve de *bússola*, apontando um "Norte" para ser seguido ou não.

Em outros casos, ela não apenas aponta o caminho, como transforma-se nele. Nestes casos ela transforma-se em um *porto seguro*, local para onde se corre e onde se está em segurança, sempre que preciso. Tal retorno, porém, não significa necessariamente a retomada de seu lugar como integrante, tampouco o auxílio nas atividades às quais ela dedica-se, embora isso possa vir a ocorrer. Na maioria dos casos, a comunidade é vista apenas como um local de moradia, onde aqueles que retornam fazem suas refeições, descansam e pernoitam, sem que para isto precisem gastar algum dinheiro e/ou auxiliar em alguma de suas atividades. Esta atitude, vale ressaltar, tornou-se constante a partir do final da década de 80 e, embora não agrade a boa parte dos integrantes e/ou deixem aqueles que a praticam pouco à vontade, ela continua ocorrendo sem que o assunto seja discutido, até porque, a nosso juízo, a liberdade com a qual conduzem a comunidade o impede de fazê-lo.

Quanto ao futuro, muitos passos ainda faltam ser dados em sua direção. A crise pela qual ela vem passando, sobretudo nos últimos quatro anos, com a redução cada vez maior de seu quadro de integrantes, tem ocasionado a redução, cada vez mais significativa, do nível de satisfação de suas necessidades, inquietando muitos de seus integrantes. Muitos apontam para a desintegração da comunidade o que, a nosso juízo, não é o único desfecho possível. Ao con-

trário, partilhamos com MARX a idéia de que, se um problema aparece, é porque a solução já está dada. Sendo assim, acreditamos que o mesmo fato que gerou a crise pela qual a comunidade vem passando, contraditória e concomitantemente, gerou também as condições para sua solução. Em outras palavras, se o principal motivo apontado pelos entrevistados como o responsável pelo desinteresse para com a comunidade e a conseqüente *redução na participação/desmembramento* foi a barreira imposta pelos mais velhos nas assembléias, somente a *ampliação da participação efetiva* dos jovens que ainda permanecem na comunidade, de um lado, e o *fim da colocação de obstáculos* por parte dos mais velhos, de outro, pode retirá-la da crise em que se encontra.

A nosso juízo há *tempo* para tudo e, atualmente, chegou o tempo da prática, dos conselhos, das *decisões*. Decisões que ultrapassam os limites da escolha *do que e onde* plantar e chegam ao *o que e como fazer para/pela* continuidade da comunidade. Não há mais *tempo* para *restrições* e, tampouco, para *lamentações*. É preciso partir para a ação. São muitos os caminhos que levam à continuidade da comunidade, mas todos começam com um primeiro passo. É preciso escolher um deles ... e caminhar.